



# Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 9 de Janeiro de 1982 \* Ano XXXVIII — N.º 987 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Breve história

Colónias de campo — eis aqui a primeira palavra da hoje Obra da Rua. Começou-se na freguesia de S. Pedro d'Alva, concelho de Penacova, em Agosto de 1932. Nós fomos os pioneiros. Havia já, ao tempo, colónias de mar. De montanha, não senhor. Até 1939, era em que nos estabelecemos definitivamente em Miranda do Corvo, andámos por casas emprestadas com este serviço de dar pão e sol e amoras a centenas de rapazes das ruas, durante os meses de Julho a Outubro. Nunca nos faltou nada; e das sobras distribuíamos aos Pobres daqueles sítios. Dos nossos livros de registo vêm-se; na casa dos mil, os rapazes que beneficiaram. Uns passavam palavra e traziam outros. Nunca exigimos vacinas nem tínhamos medo de doenças contagiosas. Era a boroa caseira. Era o caldinho quente e bem adubado. Era a resina de pinheiros; e o amor do Próximo, nomeadamente da Criança sem

lar. Aonde houver este amor, há necessariamente o olhar de Deus. E isso bastava-nos. O que hoje se chama Obra da Rua nasceu no lugar de Bujos, freguesia de Miranda do Corvo, a 25 quilómetros de Coimbra, no dia 7 de Janeiro de 1940; e tinha outro fim. Chamou-se primitivamente Casa de Repouso e com este destino se instalaram na graciosa vivenda os três primeiros doentes. Antes de comprar, eu pedi ao senhor Doutor Lúcio de Almeida e ele veio na minha companhia tomar alturas do sítio e da casa. Viu e disse que sim. Aos três primeiros seguiram-se outros, que eu topava pelos sítios aonde gastava o meu tempo. Eles tinham cara de fome e pediam-me pão. A mãe lavava roupa no Mondego. Do pai não sabiam. Tinham ficha no dispensário... Era mais um que se ia juntar e tornar-se amigo dos outros que já moravam na Casa de Repouso do Gaiato Pobre. Foi este o nome de que

me servi para elaborar os primeiros estatutos da Obra. O nome de Gaiato não foi recebido sem uma natural ou qual relutância. Também o alvará não me foi concedido às primeiras; o então ministro do Interior mandou saber das possibilidades da futura Obra, por intermédio do Governo Civil de Coimbra. A carta veio-me ter às mãos com uma série de questionários. Eu li e despachei: — **A Obra já tem dentes.** E remeti o documento assim informado.

Estávamos com uns quinze doentes na Casa, quando se torna necessário mudar de governanta. Até ali vivíamos no clássico sistema de criados; havia deles na pequenina quinta e deles na cozinha e no refeitório e nos dormitórios. O rapaz da rua, mal chegado a Casa, passava a ser um menino estimado em que nem as moscas haviam de pousar. Era assim a Casa de Repouso, berço da Obra. Era assim que a gover-

Cont. na 4.ª pág.



«O que hoje se chama Obra da Rua nasceu no lugar de Bujos, Miranda do Corvo, no dia 7 de Janeiro de 1940.»

Aniversário da Obra da Rua

## Bola de neve

Cada aniversário é montanha que pesa, nos esmaga e nos diz, também, que continua a ser o Senhor que pode e a escala até ao Cimo. Pai Américo, já no fim, sentia-se tão esmagado, comido e aflito..., a ponto de pedir ao Senhor para morrer. Mas quem poderia fazer parar a bola de neve na descida?

Primeiro, foi a bola pequenina das Colónias de campo..., como quem brinca! Mas, nevou. A montanha ficou branca. A bola de criança começou a rolar, a medo; depois, mais afoita: S. Pedro de Alva, Miranda do Corvo...

«Pão, sol e amoras a centenas de rapazes das ruas. Caldo quente e resina de pinheiros.»

No dia 7 de Janeiro de 1940 no lugar de Bujos, freguesia de Miranda do Corvo, Pai Américo baptizou-a com o nome de Obra da Rua. Só o baptismo. O nascimento deu-se quando o jovem Américo de Aguiar escutou nitidamente o chamamento e respondeu sim. «Vem comigo.» E ele deixou tudo e foi. Não perguntou nada — seguiu o Senhor.

A bola continuou a rolar. Tornou-se imparável: Miranda do Corvo, Paço de Sousa, jornal O GAIATO, Tojal, Setúbal, Património dos Pobres, Calvário e África.

Pai Américo reconheceu e sentiu que era o Senhor. Como ontem, hoje; e sempre.

Estamos embarcados na grande Nau: Os padres da Obra, as senhoras da Obra, os casais que a servem, os rapazes, os rapazes casados e suas famílias, a legião dos nossos leitores e multidão de amigos.

Que nos pede o Senhor neste aniversário?

Que sejamos neve pura da montanha! Lama não faz bola.

É a doação total em amor, compreensão, humildade, alegria e perdão — nos padres, senhoras e casais. Em relação aos outros e, também, entre nós.

É a honestidade, coerência e amor à Obra — nos rapazes de dentro e nos que estão fora.

É a continuação de ajuda em carinho e ternura dos nossos leitores e amigos que nos alimenta, faz crescer e nos aquece.

Também nós sentimos medo e, tantas vezes, vontade de fugirmos para um sítio deserto... Mas o Pobre clama! A Criança chora! E o Senhor quer utilizar nossos pés e mãos.

Talvez Ele pense também

Cont. na 4.ª página

## TRIBUNA DE COIMBRA

Aniversário. Quarenta e dois anos. «Esta Obra é um dom especial de Deus» — disse o nosso Bispo no dia de Natal, dia que quis celebrar e passar connosco. Só à Luz deste dom de Deus Pai Américo se deixou arrastar e consumir até ao fim.

Nós somos capazes de entender estes anos todos — tão marcados por maravilhas. Só assim entendemos todas as festas e a última festa de Natal.

Tantas prendas! Tantas presentes! Tantas presenças de Jesus-Menino em tantos dos nossos Rapazes e nas mulheres e nos filhos deles! E esta festa foi em todas as nossas Casas.

Em muitas, muitas mensagens de boas-festas veio também a do José Araújo — um dos três primeiros. Ele vem muitas vezes. Há dias, veio dizer que tinha comprado a casa que já habitava há muitos

anos. Fiquei muito contente; fico sempre muito contente quando me encontro com o seu rancho de filhos e, agora, já com os netos.

O dom de Deus dado naquele tempo a Pai Américo, dom que ele pôs a render com toda a alma, tem dado muitos frutos, e, geralmente, frutos muito bons.

Bendito seja Deus!

Padre Horácio

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**CASAMENTO** — Mais um dos nossos rapazes se uniu — pelos santos laços do Matrimónio — com a companheira que escolheu para estar a seu lado durante os dias da sua vida: o «Marinho».

Para satisfazer o desejo deste jovem casal, o sr. Padre Carlos — que ora se encontra no Lar do Gaiato de Setúbal — deslocou-se até nós para presidir à cerimónia.

O jovem casal compreende, com certeza, que o Matrimónio não é só um dia, uma boda; mas todos os dias. É resolver os problemas que vão surgindo no quotidiano; e resolvê-los da melhor maneira, com mútua compreensão e partilha de vida, de felicidade um com o outro, os outros — e com Deus.

Que tudo vos corra bem. E tenham muitas felicidades ao longo da vossa existência.

Muito gostaríamos de publicar uma foto dos casamentos que se realizam em todas as nossas Casas. Mas, alguns, por esquecimento, não têm a gentileza de nos ceder uma foto! Não esqueçam este dever para conosco — e para com os nossos milhares de leitores.

**OBRAS** — Todas as casas da nossa Aldeia têm uma sala-de-estar, mobilada para o efeito. No entanto, o bar é a sala dos mais velhos. E numa tentativa de a tornar mais funcional, mais sugestiva, beneficiou de grandes obras: mosaicos no chão; caiação geral; uma lareira acolhedora; prateleiras com adornos; novos bancos e mesas oferecidos por um grupo de Amigos de Ermesinde. Mas são precisas regras mais rigorosas para se poder frequentar o bar — como é evidente!... Esperamos que todos que dele se servem aceitem as ditas — para bom funcionamento e conservação da sala.

**ANO NOVO** — Um ano acaba, outro começa; toda a gente pergunta como será o ano de 1982. Será que ele

vem trazer melhorias ou virá agravar mais a crise que estamos a passar?

Meditemos um pouco no que foi 1981; como vivemos a nossa vida familiar, como foram resolvidos os problemas a nível nacional e até os grandes problemas que afligem o Mundo. Se errámos num ou noutro ponto; se este ou aquele problema teria outra melhor solução. Vamos, então, tentar ser melhores. É para isso que surge um novo ano, um ano em que teremos a oportunidade de o tornar melhor e mais próspero, na medida em que não nos deixemos cair em erros. Como em 1981. É por isto que se festeja o 1.º de Janeiro de cada ano; é para levar as pessoas a virarem-se para si próprias e meditar e fazer crescer dentro delas a ambição de melhorarem o ano que vai começar.

Desejamos um Novo Ano cheio de prosperidades para todos os leitores e Amigos do «Famoso».

«Régua»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Era um dia de chuva e trovoadas. Procurámos vencer o tempo — para aproveitarmos o tempo.

Os caminhos são lama, são rios. Valletas por abrir...

— «No regresso, V. não vão por aqui, mas por ali. Caminho mais seco e melhor.»

Uma tarde de domingo, cheia! Vencemos, até, o desejo de estar com um grupo que se dispusera a homenagear, à sua moda, no salão de festas, o 25.º aniversário da subida de Pai Américo ao Céu. E não perdemos nada! Seguimos os passos de Pai Américo — em todo o percurso — pois foi, na verdade, companheiro inseparável!

Ouçam:

Há dias, recebemos um SOS: — «V. precisam, já, de botar a mão a

F., que está muito doente. O homem teve mesmo que deixar o trabalho p'ra estar com ela, p'ra tratar dela. Passam mal...»

É uma casinha pequenina e pobre, entre pinheiros e eucaliptos, à beira da estrada. O lugar não é deserto, mas impera o silêncio, a calma, ora riscado por trovões e bátegas.

Batemos à porta. Surge um grupo de cachopos, rilhando uma côdea de broa. — Mora aqui F.?

— «Sim. Vamos chamar. Esperem só um bocadinho.»

Aparece o homem, já nosso conhecido...

— «Entrem depressa, p'ra não se molharem inda mais...»

Entrámos. Ela está de cama. Retorcida.

— «Depois que lhe deu o ataque, apareceu uma coisa má na perna... Não s'alevanta.»

Nem se queixa! Só franze a cara, dorida.

— «V. lembra-se de mim?! Fui lavadeira em vossa Casa, na Casa do Gaiato, há muitos anos...»

Feliz pelo nosso encontro, o homem pega na deixa e recorda tempos que já lá vão — presentes em nosso espírito. Foi um grande cantador, na região, em descantes, chulas e rabeladas. Pai Américo tinha, por ele, uma certa amizade e admiração.

— «Gostava de m'ouvir cantar. Um dia, como doitras vezes, encontra-me em casa. Pega em mim e fomos os dois. «Tens de vir cantar! Anda. No fim, bebes uma caneca.» Quer saber? Ó descer as iscações do Gaiato enfia-me na capa, todo contente, e cámos os dois à fundo dos degraus! Gostava dos nossos cantares; da viola, dos ferrinhos, do bombo, do cavaquinho... Perdia-se o pé de nós!...»

Hora de gratas recordações!

Deixamos, no casal, a Boa Nova natalícia. E campo aberto à sua promoção social: a pobre doente fora, desde sempre (além da esporádica passagem, como lavadeira, em nossa Casa), uma mulher do campo. Evidentemente, como outras e outros — por omissão oficial — jamais descontou fosse o que fosse para, na hora própria, beneficiar de uma pensão. Recomendámos ao homem que fosse à Casa do Povo, ali perto. Dissemos o como e o porquê. — «A gente não sabia...!»

Depois anunciamos o Natal na pequenina mansão daquela Viúva que, se fosse viver apenas da pensão miserável que recebe, ela e os filhos morreriam à fome, lentamente. Um encontro idêntico: broa na mão dos cachopos, sorriso nos lábios, cara lavada, roupa decente. — «Vamos chamar a nossa mãe.» Aparece, satisfeita: — «Não contava, agora, convosco!» Mais para sul, no oimo do monte, é a nova moradia da mulher separada do marido. O irmão, marceneiro de profissão, acabara de soalhar os quartos e a sala. Dez contos de madeira, nada pela mão d'obra. O rosto da mulher diz que bem gostaria adorar o Menino Deus no tecto novo. Não pôde ser! São obras d'auto-construção... Também se podem marcar prazos, que nem sempre há gente disponível, por especialidades.

— «A caixilharia não tarda» — volta o irmão a esclarecer. — «O picheleiro demora a acabar o serviço!...» — queixa da próxima feliz ocupante. — «Mas quando a gente tiver

portas e janelas — continua ela — vamos logo p'ra lá!» Justa sofreguidão!

**PARTILHA** — A eco, de amarguras que topamos, soa por largo. E de que maneira! Graças a Deus.

Cabeceiras de Basto, 400\$00. Metade da Rua da Lapa — Lisboa.

«Uma portuense qualquer», tão assídua, 250\$00. «Oferta de todos os meses» pela mão da assinante 19177.

Cheque do assinante 26718, de Ovar. Casal assinante 17022, o costume.

Presença da assinante 6135, de Cardigos. Cheque da Nazaré — de bom velho Amigo. «Eu e Ela» vieram até nós com lembrança natalícia.

Companheiro de Escola, da Rua Zambuze, Porto, não esquece os Pobres. Boa Amiga, de Santa Cruz do Douro, também. Santarém, assinante 25654, mil. Rua Ferreira Borges, Coimbra, 1.500\$00. Braga, 750\$00 do assinante 20881. Alto lá! Ouçam:

«Junto um cheque para auxiliar os Pobres.

Dois favores, me permito pedir-lhe: — Esquecer o que recebeu;

— Ignorar o meu nome.» Cristão!

Mafra, 100\$00. Cinquenta libras inglesas de Glos (England).

Lisboa: «A minha patroa tinha um dente com um bocadinho de ouro. Eu estava a dar-lhe de comer... e caí a

capinha do ouro. Deu quinhentos e setenta escudos.»

Comentário do nosso Padre Telmo: — «Ouro puro!»

Ainda de Lisboa, alguém aproveita umas «tréguas» — «para cumprir um voto».

Um desfiar de generosidade!

Presença de Amiga de sempre:

«Junto a minha ajuda mensal dos últimos quatro meses, que vão duma só vez porque mais económico: cheque que foi o meu primeiro ordenado dum novo emprego que muito me tem agradado porque, depois dos filhos criados, fui ser professora do Magistério Primário. Aliás, sempre tive uma certa tendência para ser professora.»

Continuamos a receber ajudas para conclusão da moradia para a mulher separada do marido. Agora, de Coimbra e Vila Nova de Gaia.

A senhora das canadianas deram a mão leitores do Porto, Penha (Guimarães), Eirado, Amarante, Valongo, Évora, Setúbal, Queluz, Penafiel, Aldeia Nova de S. Bento, Luso e Viana do Alentejo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado. Retribuímos, no entanto, com amizade, votos de santo Natal e Ano Novo — expressos em toda a correspondência que nos chegou às mãos.

Júlio Mendes

## CANTINHO dos RAPAZES

Discorremos a quinzena passada sobre a dimensão pessoal do trabalho humano: aquilo que constitui o fundamento da sua dignidade — a dignidade da pessoa humana que o executa; e de como, pelo exercício de um trabalho, o homem desenvolve a sua personalidade e encontra um elemento indispensável ao sentido da sua vida.

É tão bom ver alguém feliz na sua ocupação habitual; ouvir, como já ouvi de um de vós, que «a melhor de todas as distrações é o trabalho!» Por isso, importante é que cada um descubra a sua profissão — aquela em que o seu gosto achará todos os dias alguma novidade; e para a qual sabe, pela confirmação objectiva de teste adequado, que tem as qualidades indispensáveis. A abertura dos Serviços de Orientação Profissional que, desde há um ano, tivemos em Paço de Sousa (quem a dera alargada a todas as Casas!) é um dom precioso que esperamos irreversível e portador de muitos e bons frutos. Oxalá nenhum dos que tiveram tal oportunidade a desperdice; antes, saiba conformar-se às pistas que as suas possibilidades lhe oferecem.

Hoje, porém, quero reflectir convosco em outra dimensão do trabalho que poderemos denominar social e que se nos apresenta em dois planos: familiar; e o que resulta da nossa integração na sociedade maior que todos os homens constituem no âmbito de uma região,

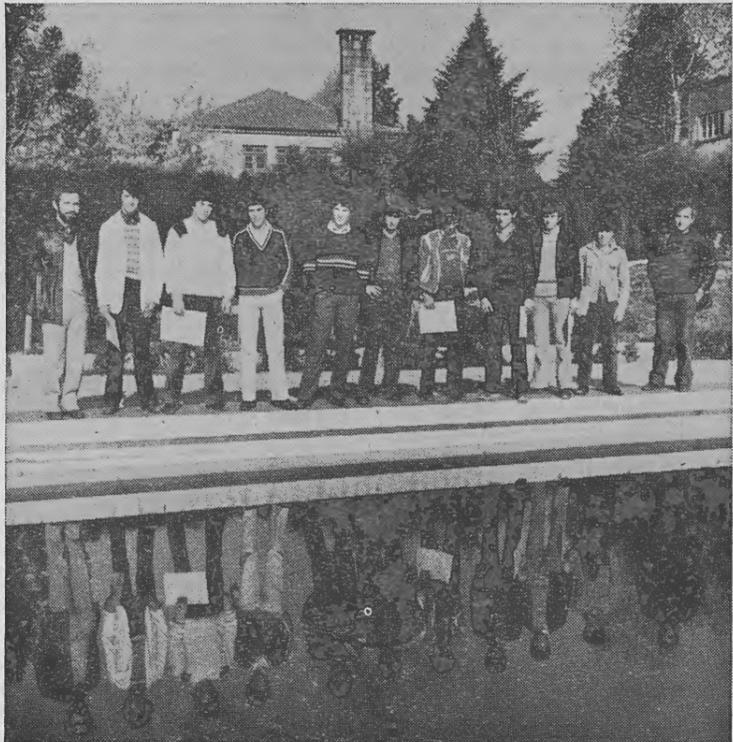
de um país, do mundo inteiro.

Na verdade, a vida familiar é a vocação genérica do Homem e, por isso mesmo, um direito de natureza cuja realização a sociedade lhe deve e cada um se deve a si-próprio. Ora o trabalho é a condição que torna possível a fundação de uma família. Como há-de ela subsistir sem os meios que, normalmente, são obtidos mediante o trabalho? Que vitalidade, que independência, que sabor teria a vida familiar — se a sua existência dependesse de outro fundamento que não, principalmente, o trabalho dos seus membros? Como ficaria empobrecida a sua capacidade de educar, uma vez que o trabalho é um dos instrumentos mais determinantes do processo que leva à fazer de cada um, um Homem?

Como Pai Américo viu bem e sintetizou maravilhosamente o seu objectivo de Pai da grande Família que gerou e não cessa de crescer! Que reconfortante constatação encontramos o seu pensamento, passada metade deste século de transformações tão rápidas e, às vezes, tão bruscas, perfeitamente actual e sintonizado com o pensar da Igreja, há pouco expresso, uma vez mais, por João Paulo II na encíclica «Laborem exercens»!

Aconteceu-me uns dois meses atrás e depois de quarenta anos sem nos vermos, reencontrar alguém que foi uma querida companhia de infância

Cont. na 4.ª página



O grupo de rapazes que frequentou o curso de Serralharia — em nossa Aldeia de Paço de Sousa — mai-lo seu monitor.

# AQUI LISBOA!

«Nunca como hoje o mundo esteve cheio e ameaça encher-se cada vez mais de crianças sem família; umas porque a não têm; outras, sim, mas não serve.» (Pai Américo)

Escrevemos na Festa da Sagrada Família de Nazaré. Não admira, pois, que alinhavemos meia dúzia de frases sobre aquele espaço a que o Concílio chamou «Igreja doméstica» e que constitui o lugar natural do crescimento e da educação do homem.

As palavras acima transcritas, de uma actualidade gritante, ilustram bem o nosso pensar e a experiência dolorosa do nosso dia-a-dia, dentro e fora da Casa e a todos os níveis sociais. Onde a família fracassa ou não funciona,

só é de esperar destruição, mau estar e infelicidade, com as mais desastrosas consequências para a sociedade, para as pessoas e, de modo particular, para as crianças.

Sentimos na nossa carne, por melhor boa vontade que tenhamos, a triste realidade de serem as Casas do Gaiato um triste remédio, à laia de mal menor, para os problemas que se lhes põem. Insistimos, com saber de experiência feita, e não só, que o espaço normal de desenvolvimento e de formação se encontra na célula

familiar. Por outras palavras, tudo o que ponha em causa a família, a sua integridade ou o seu recto funcionamento, é um agravo ao equilíbrio da sociedade e ocasião para as maiores fatalidades morais e sociais.

Perguntava-nos um Sacerdote, em plena noite de Natal, se os problemas que nos são agora postos teriam ou não maior expressão, em relação aos verificados há anos atrás. Respondemos afirmativamente, com plena consciência. E não admira, não só pelo volume de solicitações que nos chegam, mas também pela constatação clara e evidente daquilo que acontece mais ou menos por toda a parte. O dessamento moral vai alastrando, o sentido de fidelidade vai-se perdendo, o matrimónio é para muitos uma farsa, os filhos são «coisas» que estorvam e como tal são tratados. Prazer, gozo, ter cada vez mais e melhor, relativismo moral avassalador ao sabor de interesses inconfessáveis, etc., etc., são constantes do viver dos nossos dias. Os resultados estão à vista.

Na homilia feita aos Rapazes, neste dia litúrgico, embora correndo o risco de avivar chagas e coisas para esquecer, afirmámos que a nossa presença na capela era, em certo sentido, a afirmação, pela negativa, daquilo que deve ser a Família, convidando cada um a retirar da sua própria experiência, tantas vezes traumatizante e dolorosa, as lições adequadas. É que, havendo alguns moços casadoiros e outros, naturalmente, a caminho de o serem, não há como aproveitar as ocasiões para incentivarmos as pessoas segundo o exemplo harmonioso da Família de Nazaré. É que, como é óbvio, desejamos a todos os nossos Rapazes as maiores felicidades e, quando os vemos realizados e venturosos, também partilhamos das suas alegrias e do seu bem-estar; ao contrário, se nos alegramos com os que são felizes, também sofremos com os que padecem.

Lares harmoniosos, onde a bondade, a humildade, a doçura e a paciência presidam às relações entre os seus membros, parece, para muitos, coisa utópica. Mas se as virtudes domésticas desaparecerem, isto é, se os conjugues, filhos e avós não se respeitarem e a caridade, que é vínculo da perfeição, estiver ausente, tudo será um fracasso, puxando cada um para seu lado, ao sabor das circunstâncias e dos instintos mais baixos. E, na anarquia e na divisão, não será possível a harmonia nem a paz, porque geradores de tensões invencíveis e de recusa ao diálogo autêntico, o único gerador de

consenso no respeito pelas diferenças de cada um.

Ao findar de mais um ano, não queremos deixar de apelar para todos, casados ou noivos, pais ou filhos, novos ou maduros, para que, à luz da Família Sagrada, refiram as suas condutas ou processos de viver, certos como estamos que, com Pai Américo, «o regresso a Nazaré é progresso social cristão».

● Para os lados do Aeroporto apareceu, segundo os jornais, uma criança enforcada, de 10 a 12 anos, parecendo arredada a hipótese de crime. Estes os factos, a seguir três «flashes».

O primeiro para verberar o clima de violência que certo tipo de leituras e de filmes nos proporciona. E, se no caso apontado, parece recusar-se a hipótese de crime, também é verdade surgirem, aqui e ali, processos menos pacíficos nas brincadeiras(?) entre os jovens. O espírito de imitação leva, não raro, a casos extremos. Embora sem consequências, cabe referir que, há meses, um dos nossos, de cerca de 12 anos, foi amarrado com cordas pelo grupo adverso, dos clans espontâneos formados nas brincadeiras de polícias e ladrões, e só foi libertado passado já algum tempo, após o jantar do resto da comunidade. Indagados os «amarradores» justificaram-se com um filme visto na Televisão. Infelizmente, por esse Mundo fora, nomeadamente nos países do Ocidente, há a lamentar muitos casos fatais.

Parece que a criança acima referida não teria em casa condições aceitáveis, de natureza moral e de ambiente, para lá de meios materiais. Arredada qualquer anormalidade, faz-nos espécie que um jovem, na flor da vida e onde só deveria haver lugar à esperança, tenha

assim tomado tal atitude. Tragicamente, porém, podemos afirmar que são inúmeros os suicídios de gente jovem, mesmo com bens, o que nos deve alertar para as realidades. Este mundo não vai bem, não há dúvida. Que os pais e educadores se compenrem de que os filhos e os educandos são mais importantes do que os negócios, do que o trabalho, do que o repouso, do que a profissão, do que as coisas e os amigos!

A terceira nota, por extensão, refere-se às pessoas de idade. Como é usual dizer-se uma pessoa envelhecida torna-se de novo criança. Seja. O que é certo é grassar nos grupos etários mais avançados uma grande tendência para a supressão da vida. É trágico. Marginalizadas, vítimas do esquecimento ou da falta de atenção e do respeito por parte dos outros grupos, não há lugar à esperança e cai-se no desespero, não havendo mais o gosto de viver. Sinais dos tempos em que vivemos, em que o homem atraído e refestelado pelos e nos bens materiais vai afastando os valores do espírito.

● Sai este número de O GAIATO na primeira quinzena de Janeiro. É, pois, o primeiro de 1982. Por isso, embora conscientes das nossas limitações, queremos reiterar os sentidos propósitos, até que Deus queira e os homens o permitam, de continuar a servir os Rapazes até ao limite das nossas forças, enquanto aguardamos esperançosos a vinda de outros, mais capazes em qualidades e em energias. Para os nossos Amigos, para lá de meros formalismos ou convenções, queremos deixar aqui registados os melhores votos para 1982. Nossos e dos Rapazes.

Padre Luiz

## «Cada freguesia GUIDE DOS SEUS POBRES»

Os Bispos da Diocese de Granada (Espanha) publicaram uma pastoral a que deram o título «Compartilhar a Pobreza», recomendando austeridade nos festejos de Natal porque, sublinham; só poderemos encontrar o verdadeiro sentido do Natal «se os Pobres forem, de facto, a nossa autêntica preocupação».

Entre outros aspectos, a nota pastoral sugere aos cristãos que:

— Partilhem uma parte do seu salário extraordinário;

— Procurem evitar o duplo emprego, «pois com a falta de trabalho existente ninguém pode honestamente ter dois ou mais empregos»;

— Sejam austeros nas prendas ou lembranças natalícias — dividindo o restante com os Pobres.

Mais acima, para lá dos Pirinéus, eis o tema da 64.ª Semana Social de França, a realizar em Lille, de 11 a 14 de Março: «Que trabalho social para o nosso tempo?» Como objectivo geral — segundo o redactor da notícia — «pretende-se conseguir uma visão dinâmica sobre as necessidades dos homens e a evolução das sociedades industriais. Em particular, vai procurar-se clarificar a noção de trabalho social e aprofundar o sentido das práticas sociais, educativas e de relação».

Temas que reflectem a inquietação permanente da Igreja — situada no espaço e no tempo — porque o Pobre é esquecido ou não existe em comunidades de base com proclamação da Palavra, celebração eucarística, festas e festinhas; marginalizado, farisicamente, como fardo que ninguém se dispõe a carregar!

Aonde há cireneus trabalhando em grupo (vicentinos, por exemplo) ou não, eles arrastam

discreta acção carregando também a incompreensão de muitos. Lutam sózinhos! De um lado, afirma-se que «não há Pobres». Barriga cheia! De outro: — «F. não precisa, já não precisa. Recibe pensão...» social. Farturinha...! Quem conseguiria subsistir apenas com a dita ou mesmo com a do regime geral — tão abonadas!

Há dias, junto à cozinha da nossa Aldeia, era uma pobre mulher de algures, implorando a interferência de Padre Telmo junto da paróquia, para reparação da sua moradia — Património dos Pobres. «Não; ninguém quer saber de nós, meu senhor...!» — queixava-se ela, coração dorido. Os Pobres são tidos e havidos e tratados como se Cristo não fosse! Pobre comunidade, pelo desinteresse que manifesta em relação aos Predilectos de Jesus!

É preciso anunciar o Mandamento Novo! Por palavras? Sim. Mas também por obras... Como? «Cada freguesia cuide dos seus Pobres» — afirma Pai Américo. Por exemplo: se aquele ou aquela vive no sub-mundo da miséria ou tem pensão miserável, haja uma equipa de vicentinos(as) que receba da comunidade — motivada assiduamente pelo Pároco, do Altar abaixo — o indispensável à subsistência dos seus Pobres. Há uma moradia do Património dos Pobres que mete água ou precisa de ser reconstruída, o pastor lança o SOS e não se pode cruzar os braços. Nem todos estarão suficientemente esclarecidos da obrigação cristã, e social, que têm pelos Outros, pelos Pobres... Ao pastor compete afirmar, com a dureza do Evangelho, a responsabilidade dos que se dizem cristãos.

Júlio Mendes

## PARTILHANDO

Era dia de Natal. Havia sol a entrar pelas janelas e alegria a sair pelos olhos de todos. Ao almoço houve coros de cantigas populares, com ordem, no refeitório dos mais velhos. Aos mais pequenos pesavá-lhes o corpo nas cadeiras. Levantaram-se e vieram para o meio da música. O «Albufeira» mais pequeno, irmão do «Gordinho», não resistiu à tentação de dançar. E dançou; dançou até cair debaixo da alegria de todos. Outros se juntaram e dançaram também. Era Festa de Natal!

Mas a alegria não era geral... Alguém veio a chorar até à nossa mesa: o «Alentejano».

— Porque estás a chorar? — perguntámos.

— «Pela minha mãe, que também deve estar a chorar por mim...»

Dissemos-lhe que não, que

ela estava bem, por o saber bem...

E lá saiu ele de ao pé de nós, mais animado para ir brincar com os carrinhos e brinquedos — a ocupação maior dos mais pequenos neste dia de Natal.

Isto é uma grande Família onde a dor está latente aqui e além.

Enquanto uns dançam, outros choram — mesmo no dia de Natal! Aqui.

E no grande mundo da família humana? Meu Deus o que os homens fazem até à véspera ou no dia do aniversário do nascimento de Teu Filho! Que desumanos nós somos!

Sequer ao menos vejamos... Seja a dor das lágrimas do «Alentejano», seja a alegria da dança do «Albufeira» pequeno...

Padre Moura

Uma vez por outra, revemos pequena obra — «Habitação é direito» — de velho Amigo, companheiro da mesma Escola que foi ali, na rua das Taipas (Porto).

Há dias, nas vésperas de Natal, passámos junto dela com saudade, na companhia de Padre Telmo. Ali completámos a nossa formação. E lembrámos aquele e outros companheiros de carteira (e mestres), hoje homens responsáveis em vários campos da vida do País.

famos partilhar em tosca mansarda nas traseiras da Escola — continuação dos barreiros tripeiros. Um calvário doloroso, cuja imagem Padre Telmo já referiu! E continuará a referir com oportunidade e de-

# Auto-construção

voção pelos Pobres e Oprimidos — sem tecto digno de seres humanos.

Amigo Rolindo — com tarimba de acção intensiva na problemática da Habitação, motivada pelo bem dos Outros — não limita o breve trabalho de 1976 especificamente ao Cooperativismo na Habitação. Vai por aí fora, com equilíbrio e sentido cristão: além de considerandos d'ordem oficial, da própria tecnologia da construção civil, assinala também a

marginalização do Auto-construtor! Ponto que nos toca particularmente, na medida em que vivemos as carências destes Heróis ignorados, que lutam contra entraves e dificuldades de toda a ordem — sem terem quem lhes dê a mão! Como se já não valesse a pena aproveitar o doloroso e vultoso sacrifício de Trabalhadores que desejam promover-se livremente — promovendo a Família, o País, ao lugar a que têm direito!...

Ainda agora, quando nos dispomos a ultimar esta nota, passamos por um grupo de Auto-construtores. E paramos. É o domingo consagrado, pela Igreja, à Sagrada Família... Estão dois, sob chuva copiosa, ultimando obra que outros iniciaram de manhã: betonagem de paredes e pilares para a laje do primeiro andar do edifício. O mundo passa descontraído, bem vestido, bem calçado, bem comido — rumo a distrações. Eles suportam estoicamente a intempérie! Sinais da vitalidade de um povo, com virtudes específicas, que

gostaríamos fossem medidos por quem tem responsabilidades. Uma coisa é cingirmo-nos à teoria dos tratados — ou a dados coloridos — outra é viver o País real... Na verdade, se algo está mal nos domínios da Habitação, é porque não se desce humildemente ao rés-do-chão para analisar e procurar resolver, in-loco, o âmago dos problemas, preterindo os mais sacrificados.

Vem a talho de foice o problema daquilo, que referimos no apontamento do número anterior! Demos-lhe a mão, por justiça. E abre a alma de par em par! Voz trémula, marcada por escolhos que topa no caminho. Mas cheio de Esperança!

— «Para acabar a casa, vou ser motorista dos fins-de-semana, até arranjar o suficiente...»

Eis a contabilidade do seu próprio investimento — sem quaisquer bonificações:

O lote de terreno foram 70 contos. Mas em loteamento rurais — como a lei exige — o vendedor tem que proceder ao calcetamento das vias de acesso entre os lotes. Sairam mais 24 contos só da bolsa do jardineiro! Exigem optimizações deste género, porém, a via d'acesso principal é terra batida... Moral das nossas leis!

Houve que trazer energia eléctrica para as moradias nascentes: mais 14 contos por conta de cada um dos Auto-construtores. Mais 20, e muito trabalho, nos muros que dividem a propriedade. E mais 450 no grosso das paredes e lajes — segundo apontámos. Sem qualquer ajuda! Até agora, das suas economias..., o casal investiu já 600 contos! Mesmo nos dias de d'hoje, é muito dinheiro!

Um País virado para o bem-estar dos seus filhos — com um déficit habitacional de 700 ou 800 mil fogos — daria oficialmente a mão ou simplificaria exigências e burocracias aos mais afoitos do meio rural. Não acontece assim porque as elites, os centros de decisão cingem-se ao litoral, às zonas urbanas... Ainda não houve a coragem de descobrir, inteiramente, as potencialidades das populações do interior. De contrário, o vendedor do terreno, o Auto-construtor não seriam obrigados, por exemplo, a suportar infra-estruturas do domínio público. A poupança do jardineiro não está no Banco, está no campo...

Se não correspondermos à problemática da Habitação no interior da Nação — particularmente nos domínios da Auto-construção espontânea — os barreiros serão cada vez mais em zonas periféricas dos grandes centros. E permanecerão os tradicionais barreiros nos meios rurais...

Júlio Mendes

Aniversário da Obra da Rua

## Bola de neve

Cont. da 1.ª página

deixaram tudo e seguiram o Senhor.

nos teus pés, nas tuas mãos... Sacerdotes! Senhoras!

Fica aqui o apelo neste 42.º aniversário da Obra da Rua. «Vem e segue-Me.» Eles

A beira do lago, tinham o silêncio das redes! Faz tu silêncio no teu coração — para que possas escutar a Sua voz.

Padre Telmo



«Aos três primeiros seguiram-se outros, que eu topava pelos sítios aonde gastava o meu tempo. Eles tinham cara de fome e pediam-me pão. A mãe lavava roupa no Mondego. Do pai não sabiam. Tinham ficha no dispensário...»

## Breve história

Cont. da 1.ª pág.

nanta queria. Assim se fazia (e faz hoje) em todas as casas de assistência. Eu cá não me parecia bem o que via, mas era sózinho. É muito difícil abrir sulcos na rotina. Os interesses criados gozam de muita força e não faltam razões que os aplaudam. Eu era sózinho.

Veio nova gover-

nanta e com ela novos caminhos. Esta senhora, apenas inteirada dos usos e costumes, começa por despedir os criados e as criadas, a quem chamou «gente a mais». Ficou ela sózinha com os quinze rapazes. Trocou-se por trabalho o nome de repouso e ficou sendo única e simplesmente a Casa do Gaiato. Nova era. Vida plena. Saúde e alegria.

Os velhos processos continuam em outras obras de assistência. Por amor dos rapazes eu sofro. Desejaria libertá-los. Dizer a cada um quem ele é, quanto vale e o que pode. Sim; desejará. Mas é impossível. Contra decretos não posso nada; e eles contam-se por milhares.

*D. Amén! 5!*

Maria Augusta

## ORDINS

Apesar da quadra natalícia já ter passado, não esqueci de pedir ao Deus-Menino por todos aqueles que ao longo do ano (embora poucos), se lembraram de Ordins com suas ofertas e palavras de encorajamento.

Por vezes o desânimo apodera-se de mim, porque quero trabalhar, como antigamente, mas a saúde é pouca — e nem aparece quem ajude. Tanta rapariga nova cheia de vida, mas o interesse pelos Outros, e pelo trabalho, não conta. Tenho pena que a obra sinta dificuldades, não por falta de encomendas dos nossos trabalhos, principalmente das nossas colchas feitas no tear — que tanta gente tem e que podem dizer como são bonitas. Ultimamente nem pego em encomendas por não ter quem as faça! Já não digo mais, mas podiam, sem grande esforço, fazerem duas ou três por mês; e há meses que nem uma fazem. Depois dizem que isto dá pouco.

Qualquer trabalho dá pouco desde que se não faça. Por isso, agora, pouco mais faço do que visitar os Pobres e Doentes, fazendo-lhes um pouco de companhia; e peço, de vez em quando, alguma coisa para eles, quando vejo que a necessidade é muita. E, neste sentido, tenho muito que agradecer a todos que atendem os meus pedidos. Há muita gente que pensa e diz que eu não faço nada, porque não ando com uma campainha a dizer o que faço e o que dou. São os tais juízos do mundo. Desculpem este meu desabafo!

## CANTINHO dos RAPAZES

Cont. da 2.ª página

e adolescência. Deixei-a no auge de uma prosperidade que outrém tinha acumulado. Achei-a agora numa condição de modéstia que me confrangeu. Entretanto, toda aquela grande fortuna se desmoronou como um arranha-céus sem alicerces nem argamassa entre as pedras que o faziam parecer aos nossos olhos. Alicerce e argamassa consolidadores que teria sido o trabalho, nunca efectuado, para o qual se não preparou este membro restante daquela família arruinada. Uma lição de facto, bem triste, que ilustra, por contraste, a doutrina acima exposta, duplamente nossa porque a da Mãe Igreja e de Pai Américo.

«A família constitui, pois, um dos mais importantes termos de referência, segundo os quais há-de ser formada a ordem sócio-ética do trabalho humano» — escreve o Santo Padre — porque «ela é, ao mesmo tempo, uma comunidade tornada possível pelo trabalho e a primeira escola interna de

trabalho para todos e cada um dos homens».

O outro plano social que nos deve motivar ao trabalho e nos completa o entendimento do seu papel insubstituível na vida do Homem, «abarca a grande sociedade de que ele faz parte em virtude de laços culturais e históricos particulares». «Tal sociedade é uma grande encarnação histórica e social do trabalho de muitas gerações» em que cada homem se encontra inserido e da qual recebe dons inestimáveis que lhe compete conservar e crescer, no grato respeito do esforço antepassado e em solidariedade fraterna com os seus contemporâneos e com os vindouros, aos quais desejará legar um mundo melhor.

Nesta visão do dever adquire o Homem, honestamente, os seus direitos de cidadão de uma Pátria e do Mundo, já que, cada vez mais, será a esta escala universal que terão de ser encarados os grandes problemas humanos.

Deus nos ajude a ver assim.

Padre Carlos

Director: Padre Telmo  
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato, — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285  
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas, da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Tiragem média por edição no mês de Dezembro: 51.500 exemplares